

Recuperando o solo através da agrofloresta: a experiência de Seu Antônio e Dona Marisa

Seu Antônio e Dona Marisa moram no assentamento Dandara dos Palmares com cinco filhos. Antes, Seu Antônio morava na Pimenteira, onde acompanhou todo o processo de ocupação.



Nós viemos de uma longa história que veio desde a ocupação da Pimenteira. Sempre começávamos queimando tudo para fazer as roças, conta Seu Antônio.

Na Pimenteira, Seu Antônio começou a experimentar o manejo agroflorestal em parte de sua área, em mutirão junto com outros agricultores, incentivados pelo SASOP e CEPLAC.





O que incentivou Seu Antônio a se envolver com este trabalho foi perceber que a terra estava enfraquecida com a utilização de adubos químicos e venenos. Além de achar importante a preservação da terra.

Seu Antônio participou de algumas visitas onde pôde observar o manejo agroflorestal de outros agricultores em diferentes realidades.

Segundo ele, as visitas sempre orientam e animam as pessoas. **Este tipo de manejo mexe com a realidade e dá respostas para o nosso trabalho.**

Nas visitas conheceu diversas experiências e percebeu que este tipo de manejo trazia bons resultados para a realidade dos agricultores familiares.

O quintal da casa é cuidado por Dona Marisa, que cultiva principalmente hortaliças e plantas medicinais.

Hoje, no Dandara, a família possui quatro hectares, onde plantam; cravo, cacau, guaraná, café, banana, jaca, mandioca, etc.

Seu Antonio participa no Dandara de um grupo de agricultores que trabalham em mutirão com manejo agroecológico.

Esta iniciativa começou por meio da mobilização de algumas lideranças da comunidade, que, como Seu Antônio, vieram da Pimenteira, de onde trazem bons resultados.

O grupo está buscando certificar sua produção como orgânica. Outra idéia é construir um secador de frutas coletivo. Outros agricultores começam a acreditar na proposta e Seu Antônio acredita que o grupo ainda vai crescer.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente





Dona Benedita, alegria de trabalhar com o manejo Agroflorestal

Dona Benedita é agricultora e mora na comunidade da Pimenteira com sua família em uma área de mais ou menos dez hectares.

Ela participou da ocupação da terra e conta que o trabalho dos agricultores familiares na região começou com grandes conflitos de terra. Os agricultores trabalhavam com o manejo convencional queimando tudo. O SASOP e a CEPLAC acompanharam então o trabalho da comunidade e organizaram algumas reuniões para discutir outras formas de cultivar a terra.

Antes, trabalhávamos queimando e capinando, achávamos que assim a terra estava limpa. Quanto mais limpava, mais as formigas atacavam. Nas reuniões, discutíamos sobre plantar sem queimar e como fazer. Hoje, as formigas já não atacam mais.

Nas reuniões, também eram discutidas técnicas sobre o manejo agroflorestal, e a idéia de alguns agricultores foi experimentar o trabalho em parte de sua área. Foram implantadas então as áreas experimentais em uma parceria entre os agricultores, SASOP e CEPLAC.



O trabalho era em mutirão, todas as semanas, entre agricultoras e agricultores da comunidade e alguns técnicos. Quando o pessoal do SASOP não vinha, fazíamos o mutirão mesmo assim.

Quem começou participando foram Bel, Tonico e Del. Depois tiveram uns cursos. Então começamos a chamar o povo e fomos mostrando como se fazia. A idéia foi sendo passada nos mutirões. Era como uma troca de presentes, uns trabalhavam para os outros. Trocávamos sementes.

Dona Benedita participou também de visitas a agricultores de outras regiões e comunidades, onde teve a oportunidade de observar como outros agricultores manejavam suas áreas e trocar muitas experiências. Hoje recebe também visitas de outros agricultores, estudantes e técnicos. O que, para ela, é uma oportunidade de aprender e ser incentivada a experimentar cada vez mais.

Muitas coisas fomos adaptando na caminhada. Por exemplo, em uma época veio uma proposta de construir um viveiro de mudas. Eu percebi que o viveiro secava muito as plantas, então comecei a plantar no pé das árvores.

Dona Benedita incorporou, em sua roça, muitas das práticas que aprendeu em sua roça. Como por exemplo, fazer compostagem com os restos culturais e adubar as plantas. Hoje eu indico para outros companheiros como plantar, e quero aprender sempre mais e mais. O trabalho é muito bom com a agrofloresta.

A área era de madeira alta, juntamos o pau todo, ajeitamos em cima da terra, arrumamos todo pau na área. Tinha que deixar todo o solo coberto. Depois, plantamos feijão de porco e corda, aipim, batata, salsa, banana. Depois cacau, cupuaçu, açai, urucum, noz-moscada, canela, jacarandá, paineira, sapoti, jabuticaba, amora, etc. Na roça, Dona Benedita planta um pouquinho de tudo. No verão, é necessário comprar algumas coisas fora da propriedade. No resto do ano quase nada.

Dona Benedita considera muito importantes as reuniões para organizar o trabalho da produção e outras atividades na comunidade, procurando sempre estar presente e contribuir com estes momentos.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



Seu Lourival e Dona Laurenita diversificam a roça a partir da experiência agroflorestal

Seu Lourival,
Dona Laurenita
e o filho moram
e trabalham
em sua
propriedade no
Marimbondo.



Seu Lourival já praticava o manejo consorciado de cacau com seringueira antes de iniciar a discussão sobre o manejo agroflorestal na comunidade. Quando começou a participar das reuniões para discutir as propostas da experimentação com os sistemas agroflorestais, Seu Lourival passou a conhecer: o consórcio de mais de duas culturas, o manejo com facão e a possibilidade de não utilizar agrotóxicos nem queimadas.

Dona Laurenita não chegou a participar do processo de experimentação.



Seu Lourival participava dos mutirões que aconteciam todas as quintas feiras junto com o pessoal do SASOP e alguns vizinhos. O SASOP levava as mudas que eram trocadas entre os agricultores por mudas de espécies arbóreas que depois seriam trocadas novamente com outras comunidades.

Nos mutirões aconteciam discussões sobre o manejo como, por exemplo: o espaçamento, importância do sombreamento para o mato não crescer, importância de cultivar algumas plantas que produzissem massa verde para cobrir o solo, etc. Outras informações sobre o manejo, além das compartilhadas com o SASOP, eram trazidas pelo Jafa da CEPLAC.

Tivemos alguns cursos sobre o controle de formigas, mas concluí que para formigas não tinha jeito. Não dá conta de controlar de forma natural.

Além da área demonstrativa, Seu Lourival também estendeu a experiência para outras partes de sua

área. Diversificou sua produção, plantando, por exemplo: canela com cupuaçu e cacau, em uma parte; café, seringa, banana e cupuaçu, em outra.

Alguns vizinhos que não participaram da implantação das áreas demonstrativas também incorporaram algumas práticas em suas áreas, conta Seu Lourival.

Hoje ele e Dona Laurenita produzem: seringa, pimenta-do-reino, côco, mandioca, cravo, guaraná, café, milho, feijão cupuaçu, tomate, folhosas, batata, banana, inhame e algumas plantas medicinais.

Com o passar do tempo, Seu Lourival percebeu que os resultados do manejo agroflorestal dão um retorno muito lento. O serviço é bom, mas muito demorado para ter retorno. A rotação de culturas é importante, mas tem sempre que usar adubos.

Ele acredita que não foi possível expandir a experiência por não ter tido retorno financeiro. Ao mesmo tempo, pensa que o trabalho foi importante por trazer novas informações que acrescentaram seu conhecimento. Até hoje, no Marimbondo, o pessoal se organiza em mutirão, mas Seu Lourival já não participa mais.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



Bel e Dona Andrelita solidificam e ampliam o manejo agroflorestal no Dandara dos Palmares

Seu Almerindo Ursulino, mais conhecido como Bel, e Dona Andrelita moram e trabalham atualmente no assentamento Dandara dos Palmares com cinco filhos, em uma área de aproximadamente cinco hectares.

A experiência com sistemas agroflorestais começou desde a época em que a família morava na Pimenteira, em áreas demonstrativas. Primeiro aconteceram algumas reuniões onde foram discutidas as propostas de trabalho com os agricultores, o SASOP e a CEPLAC. Formou-se então o grupo do mutirão. Decidimos que tocaríamos os mutirões mesmo quando o pessoal do SASOP e CEPLAC não aparecessem.

Antigamente cuidávamos do roçado queimando e desmatando, aumentando o carrasco, secando as nascentes e cansando o terreno.

De um certo tempo para cá, desde que o SASOP apareceu com a proposta do trabalho, começamos a preservar as nascentes, cobrir o terreno. O terreno ficou mais rico. Antes,





capinava só de enxada, o que ajudava a ressecar o terreno. Podando e cobrindo o solo, as folhas servem de adubo, conta Bel.

No começo da experimentação, Bel manejava somente a área demonstrativa no sistema agroflorestal. Depois, a experiência adquirida foi expandida para toda sua área na Pimenteira. Quando a família chegou no Dandara, a implantação da roça foi de acordo com o manejo agroflorestal. A diferença foi que passaram a cuidar de sua roça sozinhos e não mais em mutirão.

A vinda da família ajudou a disseminar no Dandara as propostas do manejo agroecológico. **Ao chegarmos aqui, eu e Del fizemos umas reuniões para passarmos nossas experiências para os outros. Hoje alguns vizinhos compartilham com as propostas do manejo.**

A compostagem não foi uma prática adotada pela família no início da implantação do sistema. Foi aprendida com o passar do tempo e com as trocas de experiências.

Bel conta que participou de duas visitas organizadas pelo SASOP, uma no Garcia e a outra em Itacaré. A conservação e o cuidado com as matas em Itacaré chamaram a atenção na visita. Bel voltou pensando em como poderia realizar um projeto para preservação das matas em Camamu.

No inverno a produção da roça sustenta a família. Já no verão é necessário comprar alimentos fora, principalmente pela dificuldade em obter água para as plantas. **Plantamos a mandioca em todas as falhas do cacau. No quintal, temos tempero e plantas medicinais.**

A produção é de cravo, cacau, mandioca, banana, leguminosas, folhagens, ervas medicinais. Tem plantas como o cupuaçu, café, etc que ainda não estão produzindo.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



Com o manejo agroflorestal coletivo, Dona Lica e Seu Albertino ampliam seus conhecimentos



Seu Albertino e Dona Lica fazem parte do grupo de famílias que participou de todo o processo de ocupação do Marimbondo.

Hoje vivem na comunidade, com os netos, em uma área total de 15ha.

Participaram também de toda a mobilização na comunidade para implantação das áreas experimentais.

Me perguntaram se eu estava disposto a fazer o trabalho, então cada um escolheu sua área para começar a experimentação. Foram trazidas mudas de abacaxi e outras plantas para começar o plantio. Quando Luisinho (do SASOP) vinha, tinha uma reunião onde discutíamos as propostas. No princípio o trabalho era individual depois começamos a trabalhar em coletivo através de mutirão, conta Seu Albertino. Destinaram para experimentação quatro hectares de sua área total.

Com o passar do tempo algumas pessoas desistiram do trabalho, pois achavam que o projeto tinha o objetivo de fornecer financiamentos. Ao perceberem que a proposta não era esta, se desestimularam, não enxergando resultados. Para mim, o trabalho tem resultado sim, mas tem que se dedicar somente para isso, acrescenta.

As informações sobre o manejo vieram, além do Jafa e do SASOP, de outras fontes. Como, por exemplo, visitas a outros agricultores que já haviam adotado esta prática. De tudo que Seu Albertino pode observar com o manejo agroflorestal algumas das práticas não adotou em sua área, outras, sim.

Um dos aspectos que lhe chamou a atenção foi a organização da feira. Além da feira agroecológica ser separada da feira convencional, todos os produtos que não são vendidos são trocados entre os próprios agricultores.

Com estas experiências novas deixei de fazer algumas coisas que fazia antes e comecei a fazer coisas que não fazia.

Seu Albertino já recebeu também algumas visitas em sua área.

Na roça produzem mandioca, banana, cravo, guaraná, limão dendê, côco verde e seco, jaca, seringa, cupuaçu, cacau, cajú, pimenta-do-reino, etc. Fazem também farinha, que representa o maior sustento da família. A casa de farinha é comunitária. Na área demonstrativa, a diversidade é ainda maior. Além das culturas citadas, tem: manga, açaí, mangostão, jabuticaba, fruta-pão, cravo, jambo, noz-moscada, jacarandá, paineira, café, imburana, abio, jamelão, dendê, etc.

O cacau, a seringa e o côco são culturas em que estão investindo para o futuro. Metade já está produzindo.

Dona Lica conta que a área já não produz mais como antes. A produção hoje é para se alimentar, tem muitas dificuldades para comercializar. Antigamente plantava e tudo dava, hoje da muito bicho que come tudo, conta Dona Lica.



Ela aprendeu a plantar no dia-a-dia experimentando, trocando informações com os vizinhos e pela herança de seus familiares.

Antigamente o cultivo era somente na enxada. Após os financiamentos se investiu muito em adubos. Depois desta época apareceram cupins e a terra parecia mais fraca, acrescenta.

As técnicas aprendidas no manejo das AD's aos poucos estão sendo incorporadas no resto da área e trazendo resultados, principalmente na recuperação do solo.

Hoje, a família trabalha somente em sua área. Não presta mais serviços fora.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



A Experiência de Manejo Agroflorestal de Alinaldo

Alinaldo é um jovem agricultor, solteiro, que trabalha na terra de seu pai, Sr. Almerindo, na comunidade da Pimenteira.

Antigamente, sempre trabalhava em mutirão, quando o grupo chegou a ter 17 pessoas participando e até o cravo era colhido em mutirão. A prática de antigamente era sempre desmatar, fazer a coivara e queimar. Então, o SASOP e o Jafa da CEPLAC, chegaram propondo uma experiência de plantar sem queimar. A primeira área aberta na Pimenteira foi a de Tônico e Bel. Depois vieram as outras áreas.

Alinaldo participou da implantação das primeiras áreas através do mutirão, e em seguida implantou a sua área demonstrativa de agrofloresta.

No início, Alinaldo plantou feijão-de-porco para recuperar a terra que estava cansada. Em seguida, plantou abacaxi e várias mudas de frutas e árvores nativas como mangustão, cupuaçu, açai, jaca, canela, jabuticaba, nós-moscada, jambo, pequi, jacarandá, pau d'arco etc.

À medida que o manejo foi evoluindo, Alinaldo foi desenvolvendo outras experiências como o uso de capim eucalipto para controlar o mato através da competição, e para





a cobertura do solo. Segundo Alinaldo, o capim eucalipto tem uma capacidade de produção de biomassa e rebrota maior que o capim santo, porém inferior ao capim Guatemala, ainda bastante utilizado. Outra inovação do agricultor é o uso dos restos de culturas e alimentos (como a casca de banana e outras frutas, casqueiro de cacau, cabaças de cupuaçu etc) ao redor das plantas novas. Alinaldo adora fazer experiências e vem realizando várias inovações em sua agrofloresta, a partir dos conhecimentos adquiridos nos mutirões de trabalho e nas trocas de experiências. A maior parte das sementes de frutas e árvores nativas foram adquiridas na comunidade, pela coleta do próprio agricultor ou em processos de troca com outros agricultores.

Por ser um experimentador nato e pelo seu interesse em aprender e em multiplicar os seus conhecimentos, Alinaldo foi convidado a fazer um estágio de uma semana na Fazenda do Sr. Ernst Gotsch, um suíço com larga experiência em sistemas agroflorestais. A partir de então, ganhou uma nova motivação e

desenvolveu novas experiências a partir da interação com o suíço. O agricultor participou do treinamento sobre secagem de frutas no secador da comunidade da Tabela e aprendeu esta nova técnica de transformação de frutas frescas em frutas passas.

Alinaldo tem recebido muitas visitas de outros agricultores da Pimenteira, de agricultores de outras comunidades, estagiários e técnicos do SASOP e de outras entidades. O agricultor fica muito alegre ao receber os visitantes, pelo reconhecimento e valorização do seu trabalho e pela oportunidade de trocar novos conhecimentos com os visitantes. Alinaldo também foi a Itamaraju conhecer a experiência de outros agricultores com sistemas agroflorestais, acompanhados pelo Terra Viva. Participou do ENA no Rio de Janeiro. A partir da experiência com a área demonstrativa e das trocas de experiências, ele foi ampliando as suas áreas segundo os princípios e práticas do manejo agroflorestal. Hoje Alinaldo já maneja uma área de mais de um hectare com sistema agroflorestal.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



Aprendendo, experimentando e disseminando conhecimentos agroecológicos: A experiência da família de Del



Dona Maria Andrelice (Del) e Seu Evangelista (Vangio) moram e trabalham no Assentamento Dandara dos Palmares com seus três filhos.

A proposta surgiu em 1997, quando o SASOP chegou através de Luisinho e do contato com outras entidades como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e CEPLAC.

A princípio participavam do trabalho acompanhando o mutirão da Pimenteira, mas não tinham área.

Na Pimenteira, Del acompanhou a experiência em diversas áreas demonstrativas, através do mutirões, e aos poucos foi gostando e incorporando o manejo.

Uma das visitas de que participou foi ao Centro SABIÁ em Pernambuco. O trabalho lá estava mais avançado (já tinha três anos) e conheceu várias experiências interessantes. Trouxe sementes de inhame de D. Lourdes (uma agricultora da região), que tem até hoje na sua roça. Foi uma coisa muito boa ver uma experiência e depois trazer os resultados. Beneficiou junto com D. Lourdes doces e geléias de manga, jaca, abacaxi e cajú. Participou da prática de criação de abelha.

O trabalho na Pimenteira iniciou com 15 pessoas. Todo mundo queria. Era o projeto para desenvolver um trabalho e não para conseguir dinheiro. O SASOP trouxe a idéia, mas se os agricultores não acreditassem, não haveria parceria.





Em 1999, Del foi para o assentamento Dandara dos Palmares aonde se assentou em um lote de 4 hectares e desenvolveu o trabalho. No começo as pessoas diziam **Del e Vangio, vocês tão loucos? Plantar milho, feijão, aipim e outros sem queimar? Só roçando?**

O manejo é através da capina seletiva, observando o que as formigas mais gostam. **É coisa que a gente vê, que vai sentindo e mostrando para o nosso colega, o que está acontecendo em nossa vida.** Antes era uma área que só tinha cacau. Hoje tem abacaxi, laranja, cupuaçu, açaí, canela, Jussara e outros. As pessoas da comunidade passam e vêem o resultado. Hoje já tem Almerindo Filho, Alenival, Floriano, Otávio, Rosildo várias pessoas na comunidade fazendo o manejo e diversificando o seu lote. Del dava semente pra um e pra outro, as pessoas foram experimentando.

No dia a dia, através do contato com as entidades, através da nossa prática e na troca de experiência, a gente vai vendo os resultados, e melhorando o sistema. Hoje tem uma roça comunitária criada por Del e outras mulheres e algumas famílias fazendo agroecologia no assentamento.

Del e sua família já colheram muitos alimentos do seu sistema agroflorestal, como feijão-de-corda, andu, aipim, quiabo, inhame, jiló e etc. Demonstrando a importância das pequenas rendas na composição da renda total da família.

Além da visita ao Centro Sabiá, Del conheceu muitas outras experiências, como a dos agricultores do extremo sul da Bahia, acompanhados pelo Terra Viva. Fez um estágio de uma semana na propriedade do Sr. Ernst Gotsch, participou do Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) e outros.

Em sua propriedade tem recebido diversas visitas de estudantes, técnicos e outros agricultores. Sua experiência com sistema agroflorestal é bastante inovadora, seja pelas práticas de manejo que levam em conta os princípios da sucessão vegetal, pela diversidade de plantas presentes no sistema ou pela produção de alimentos e plantas medicinais no sistema, garantindo a segurança alimentar e a saúde de sua família.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



A Conquista e a Organização das Mulheres no Assentamento Dandara dos Palmares

A conquista da terra no Assentamento Dandara dos Palmares teve uma participação decisiva das mulheres na organização, na ocupação e nas dificuldades enfrentadas no início do acampamento.

Assim que o acampamento se formou, vieram muitas famílias com crianças de zero a cinco anos de idade, e com sintomas de desnutrição. Com o acompanhamento do peso das crianças, foi verificado um baixo peso. Como o único cultivo da fazenda era o cacau, resolveu-se então fazer uma roça para produzir culturas de pequenos prazos (mandioca, aipim, milho, e outros), para produzir mais alimentos e mais saúde.

A formação do grupo das mulheres foi motivada por uma liderança do assentamento que há tempo vem participando da Pastoral da Criança, e que em seguida assumiu a função de Agente Comunitária de Saúde do Assentamento. Então, o grupo de mulheres se organizou e pediu para a Associação um lote de quatro hectares para poder produzir os alimentos (culturas de pequenos e longos prazos).





Em Assembléia foi aprovado a doação da área para as mulheres. Com o apoio de alguns companheiros e de algumas entidades como o SASOP e a Pastoral da Criança se começou a trabalhar o roçado.

A Pastoral da Criança entrou com um apoio de sementes, insumos e ferramentas para o início dos trabalhos. Foi elaborado um projeto de geração de renda através de um Fundo Rotativo.

A Roça das Mulheres começou com 20 mulheres, mas hoje o grupo foi reduzido para seis mulheres. As dificuldades de participação são muitas. Algumas mulheres têm filhos quase todos os anos, e muitas não têm uma renda garantida o ano todo e precisam trabalhar fora ou com o marido para completar a renda.

Na área já havia sido plantado cacau antes, mas já tinha virado capoeira pelo tempo de abandono. Então, resolveu-se implantar um roçado com o manejo agroflorestal. De início houve uma certa resistência por parte das companheiras por não conhecerem este tipo de manejo. O grupo discutiu sobre as diversas possibilidades de manejo. Foram feitas experiências queimando a terra em uma parte e roçando o mato e deixando sobre a terra sem queimar em outra área. Até que as companheiras se convenceram que o melhor manejo era o agroflorestal.

Todo o manejo do roçado é feito em mutirão. No início, em 2000, foi usado um pouco de adubo químico e calcáreo. Hoje tem um pouco de torta de mamona para ser usado no plantio de cupuaçu. O manejo é feito roçando o mato e cobrindo a terra, deixando algumas plantas

nativas para proteger a terra.

Na roça das mulheres foi produzido feijão, banana da terra e mandioca para fazer farinha. Metade da produção é vendida para o grupo pagar o projeto, e a outra metade é dividida entre as famílias do grupo e entre outras famílias mais necessitadas. A farinha é feita fora do assentamento pois não tem casa de farinha no assentamento.

Foi implantado um viveiro para a produção de mudas de frutas com o apoio do SASOP. As sementes foram conseguidas na própria comunidade com o apoio de alguns agricultores.

Também foi plantado na área gergelim, urucum, cupuaçu, café, milho, cana, abacaxi, plantas medicinais e temperos verdes. Plantaram ainda alguns pés de graviola e pimenta Jamaica.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



Experimentando, Seu Fortunato descobre seu jeito de manejar a agrofloresta

Seu Fortunato é um agricultor da região da Beirada e nos últimos tempos mora e trabalha na comunidade do Garcia .

Seu Fortunato acompanhou o trabalho desde o princípio quando o SASOP, através de Luizinho, e a CEPLAC, através de Jafa, começaram a propor a discussão e experimentação do manejo agroflorestal com a comunidade.

No começo participaram das reuniões 19 pessoas. Depois que o pessoal descobriu que a proposta não era para receber crédito muitos desistiram.

As implantações das áreas experimentais foram em forma de mutirão toda as quartas feiras, com a participação dos agricultores e a colaboração dos técnicos do SASOP e Jafa que levavam as mudas e algumas orientações.

Para Seu Fortunato o trabalho é vantajoso em alguns aspectos e desvantajoso em outros. O tempo que se gasta com o manejo agroflorestal é muito. O trabalho é devagar,





tem muitas plantas juntas. Ainda mais depois de um tempo que passei a trabalhar sozinho. Quem não tem dinheiro para manter é muito complicado.

Passado o tempo muitos vizinhos abandonaram a idéia e atualmente, além de Seu Fortunato são poucos os que experimentam e praticam a agrofloresta.

Os vizinhos não acreditam na proposta, a maioria queimou e passou a enxada que é mais fácil.

Um dia vou convidar os outros agricultores para visitarem a minha área.

Seu Fortunato também teve a oportunidade de participar de visitas a outros agricultores que também praticam o manejo

em outros lugares. Assim como recebe visitas em sua área, o que para ele é muito importante.

Seu Fortunato começou a experiência por conta própria, principalmente por acreditar que estas práticas preservam o solo. **Passei a experimentar pois é bom pro solo não botar enxada nem queimar. Tem gente que não faz o manejo completo, mas acompanha. Outros acham o trabalho bom, mas não se dedicam. Hoje minha área está muito bonita. Tenho açaí e um bocado de frutas que ainda não estou colhendo, mas vou colher.**

Marilene, esposa de Fortunato, não acreditava na proposta. Hoje já vê alguns resultados. Algumas

práticas utilizadas na área experimental foram incorporadas no resto da propriedade, mas Seu Fortunato nota a diferença principalmente em relação à diversidade.

Uma das práticas que adaptou ao seu modo no decorrer do tempo foi em relação ao espaçamento, principalmente do abacaxi, para facilitar o manejo.

No meu conhecimento no manejo agroflorestal, tem que plantar todo tipo de pé de árvore e tomar muito cuidado. Cobrir sempre os pés de árvore e o solo. Na minha área experimental o manejo é agroflorestal. No quintal não. Descobrimos que no quintal é melhor usar enxada mesmo.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente



Seu André e Dona Ilda manejam as espécies nativas, contribuindo com a sustentabilidade da roça

Há 59 anos Seu André e Dona Ilda se mudaram para a comunidade da Tabela, onde vivem e trabalham como agricultores até hoje, em uma área de 20 hectares. Desde então, sempre acompanharam a Associação Comunitária de pequenos produtores da Tabela.

O trabalho com o manejo agroflorestal começou em parceria com o SASOP com a proposta de implantação de áreas experimentais. Seu André começou plantando abacaxi, graviola, pau-d'arco e outras mudas.

No início da implantação das áreas demonstrativas todo nosso trabalho era em mutirão. Percebi que cobrir o solo é uma prática que vale a pena e plantar árvores no meio do cacau é importante. Das práticas que utilizava na minha área o principal que absorvi foi a conservação do solo.

Com o passar do tempo, Seu André percebeu que o solo da região era bem mais fraco do que o de outras regiões que também implantaram as





áreas demonstrativas e acabou desistindo de manejar a área.

Surgiu então a idéia de, junto com a associação, construir um secador de frutas em parceria com o SASOP e associações de outras comunidades, como projeto piloto. Na prática do dia-a-dia as outras associações tiveram problemas para viabilizar o trabalho, principalmente de transporte e naturalmente se afastaram, permanecendo somente os agricultores da Tabela.

No início achávamos que a demanda seria grande e só iria aumentar. Hoje o secador está desativado. Faltou alguém para comercializar, um revendedor. Antes vendíamos até em Salvador; depois, ficamos com o comércio local. Mas já está na hora de retomarmos o trabalho no secador.

Durante todo o trabalho, Seu André teve a oportunidade de participar de algumas visitas onde pôde aprender muito. Uma das coisas que lhe chamou a atenção na visita ao Centro Sabiá, em Recife, foi o trabalho de recuperação de áreas degradadas.

Outra prática que Seu André trouxe das visitas e de sua área experimental, ampliando para o resto de sua propriedade, foi introduzir espécies arbóreas entre outros cultivos. Hoje aproveita as árvores para diversos fins, até mesmo na colheita do cravo.

Entre os vizinhos da comunidade, muitos discordam do manejo. Ao mesmo tempo, outros incorporaram algumas práticas no seu trabalho como, por exemplo, consorciar o plantio com espécies arbóreas. As

informações sobre o manejo são socializadas principalmente durante o trabalho em mutirão.

Eu percebi que o trabalho não ia trazer prejuízos, só acrescentaria. Senti que a realidade era aquela mesmo, que o manejo só traria facilidades. Hoje enxergamos os resultados.

Em algumas áreas Seu André identifica seu manejo como agroflorestal; em outras, não. Na área do dendê, por exemplo, faço um manejo agroflorestal, pois mantenho a prática de recuperação do solo. Já no cacau utilizamos produtos químicos, tem que colocar adubo. Quer dizer, somente na área do dendê utilizamos o manejo agroflorestal. Meu manejo é e não é agroflorestal.

Para Dona Ilda o trabalho com o SASOP foi um passo importante. Até hoje tenho saudades daquela época em que começamos o trabalho, muitas coisas aconteceram. As áreas plantadas foram uma experiência para muitos, não tínhamos muito conhecimento. As madeiras, por exemplo, paramos de tirar. Semana passada estávamos na roça e notei que já estávamos tirando a madeira do nosso próprio pasto para ajudar na colheita do cravo. Esta idéia de deixar as madeiras passou também para vários vizinhos.

Para Dona Ilda, o principal em todo o trabalho foi o incentivo ao trabalho coletivo e a organização do trabalho das mulheres. Elas se animaram mais no trabalho em conjunto. A visita a Itacaré e o contato com o MMTR (Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais) foi importante para estimular a organização das mulheres, acrescenta.



STR/Camamu

Associações
Comunitárias

Ministério do
Meio Ambiente

